

Leônidas Azevedo Filho

Ilustração: Bruno Santana

Vou lhe contar um caso

edits
Editora da UESC

**Vou lhe contar
um caso**



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
RUI COSTA DOS SANTOS - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA
EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS
RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:
Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente
Andréa de Azevedo Morégula
André Luiz Rosa Ribeiro
Adriana dos Santos Reis Lemos
Dorival de Freitas
Evandro Sena Freire
Francisco Mendes Costa
José Montival Alencar Junior
Lurdes Bertol Rocha
Maria Laura de Oliveira Gomes
Marileide dos Santos de Oliveira
Raimunda Alves Moreira de Assis
Roseanne Montargil Rocha
Sílvia Maria Santos Carvalho

Copyright ©2015 by
LEÔNIDAS AZEVEDO FILHO

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Jamilé Azevedo de Mattos Chagouri Ocké

ILUSTRAÇÕES:
Bruno Santana

REVISÃO
Maria Luíza Nora
Paulo Roberto Alves dos Santos
Roberto Santos de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A994 Azevedo Filho, Leônidas.
Vou lhe contar um caso / Leônidas Azevedo Filho ;
ilustrações Bruno Santana. – Ilhéus, BA : Editus, 2015
[84] p. : Il.

ISBN: 978-85-7455-363-4

1. Literatura Infantojuvenil. I. Título.

CDD 809.89282

EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À

ABEU
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Vou lhe contar um CASO

Leônidas Azevedo Filho

Ilustração: Bruno Santana

Ilhéus, Bahia



Editora da UESC

2015

The background is a stylized illustration of a landscape. It features a light blue river or lake with horizontal wavy lines. Scattered throughout the water are several grey, rounded rocks of various sizes. On the left side, there is a large, green, leafy tree with a brown trunk. At the top of the image, there is a strip of green grass. The word 'SUMÁRIO' is centered in the middle of the image in a bold, black, sans-serif font.

SUMÁRIO



Página

7	A caçada do tatu
13	A forma de pagamento
19	A formiga Farela
25	A luta pela comida
31	Com o perigo lado a lado
37	Chulé
43	Chuva

Página

47	Laika
53	O Jabuti
59	O Urubu e o Sapo
65	Os Quatis
71	Passando no Lixo
77	A Casinha sem Chapéu
84	Sobre o Autor Leônidas Azevedo Filho





A Caçada Do tatu

Naquele tempo, a lua cheia no mês de janeiro era tida como bom tempo para caçar tatu. Os vaqueiros da fazenda Rancho de Casca já haviam acertado, para o próximo sábado à noite, uma caçada nos quatro buracos da capoeira depois da mata.

Conforme o combinado, às seis horas da noite, Tião e seu cachorro Valente chegam à casa de Ursulino. Com a espingarda no ombro, enxadão na mão, prontos para a caçada.

Tereza, mulher de Ursulino, entre uma baforada e outra no seu cachimbo de barro, informa que o marido foi para a feira e ainda não voltou. Na próxima casa, a esposa de Antônio informa que o marido está doente, com febre Maleita. Tomou um comprimido de quinino e foi se deitar, com frio.

Então eu vou só. Pensou alto Tião, e foi. Nunca caçou tatu sozinho, mas já vira os colegas mais velhos e experientes fazê-lo.



Andou pela mata fechada, onde a lua fazia pouco clarão. Era levado mais pelo cachorro do que por ele mesmo. O assovio desafinado ajudava disfarçar o medo enquanto andava. Chega à capoeira. Alguns passos adiante, o cachorro Valente dá sinais de alerta: levanta a cabeça, empina as orelhas e o rabo. Tião para. O coração bate acelerado, não imagina o que pode ser. Naquela redondeza tem de tudo que é bicho, desde cobra cascavel até suçuarana. Dizem, ainda, que também tem Onça pintada. *Mas eu nunca vi.* Pensa alto.

Valente rosna alto e sai correndo, latindo ferozmente em direção reta e em frente. Tião o segue apressado e ansioso. A espingarda na mão direita e o enxadão na esquerda. O coração acelerado e o suor frio tomam conta do corpo. Valente para. Balançando lentamente o rabo, rosna baixo e late em frente a um buraco. Tião para. Observa várias pegadas de tatu em volta da toca. Sorri aliviado e sopra o ar preso nos pulmões. Retira o chapéu e limpa o suor da testa.

Com o enxadão, limpa em volta do buraco e começa a cavar. *Devia ter esperado pelo Ursulino, ele é mais experiente.* Pensa enquanto cava. *Mas também eu preciso aprender sozinho.* Conclui. Após algumas enxadadas fortes, raspa a terra solta e, mais profundamente, sente que o enxadão atrita algo de consistência diferente e irregular. Retira o enxadão e começa limpar com a mão forte e calejada. *É o casco!* Conclui. Pega o enxadão e limpa mais em volta aumentando a área de trabalho.

A alegria já toma conta dele todo, nem nota mais o suor que lhe encharca o corpo. Desta vez o coração já bate diferente. *Se os outros estivessem aqui, seriam eles que certamente arrancariam o tatu e não eu. Assim, posso provar que também sou bom caçador.* Pensa orgulhoso.

Dentro do buraco estava escuro devido à posição da lua. Não dava para enxergar lá no mais profundo. Cavou mais um pouco a abertura e enfiou a mão e todo o braço para

tatear melhor e ver o que mais precisava fazer. Apalpa uma coisa roliça tipo uma linguiça fina e cascuda. Fica na dúvida se é realmente o rabo do tatu. Lembrou que de outras vezes Ursulino dizia que *tatu não se arranca pelo rabo, tem que descolar o bicho todo*. Mas, neste caso, pensa alto: *vou experimentar puxando de vez para ver como ele vai se comportar*. Optou por essa variante para criar a sua própria experiência.

Concentrou-se, apoiou a mão esquerda na borda do barranco e imprimiu força para trás com o corpo e o braço direito. O corpo veio de vez com o impulso do solavanco, o bicho não opôs qualquer resistência. Veio do buraco uma cobra de mais ou menos um metro de comprimento, boca aberta voltada para o seu rosto, em grande velocidade. Pelo puro reflexo, Tião abaixou a cabeça rapidamente e sentiu o violento golpe de mordida certa que atingiu a aba do chapéu de couro, arrancando-o da cabeça.

Num rápido impulso, colocou-se de pé e começou a correr, deixando para trás todos os seus pertences, exceto o cachorro que o acompanhou sem nada entender. Chega à casa de Ursulino todo esfarrapado, ofegante, suado e emitindo urros guturais.

Após perguntar o que aconteceu, por várias vezes sem resposta, Tereza foi até a cozinha e trouxe-lhe um caneco d'água fria do pote.

Enquanto Tião bebe a água, chega Ursulino que estranha o estado lastimável em que se encontra o amigo e pergunta o que aconteceu. Tião relata que arrancou uma maldita cobra do buraco do tatu.

Ursulino vira as costas e entra na casa. *Teimoso!* Pensa alto.

[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]



A forma De Pagamento

O tempo estava fechado, anunciando chuva iminente. O nível das águas do pequeno rio começava a subir, indicativo de que já chovia mais acima. A volta para casa na cidade do outro lado do rio estava ficando difícil com a enchente ribeirinha.

Tito começou a andar no sentido da correnteza com a esperança de encontrar o melhor caminho para atravessar. O pequeno rio não era profundo, não tinha pontes e sem a cheia causada pelas chuvas atravessaria facilmente andando. O difícil era encarar o maior volume da água fria e certamente poluída.

Mais adiante, enquanto andava, encontrou duas crianças pobres e maltrapilhas. Sem falar, elas se ofereceram para auxiliá-lo na travessia até o outro lado. Sem resistência, Tito aceitou calado.



A criança menor, com aparência de seis anos, entra no riacho e segue na frente por um caminho pavimentado por placas de pedras brancas. Sempre muito cuidadoso, caminhou lentamente sempre roçando o pezinho da frente na pedra, como quem pede passagem. O menino mais velho, com aparência de nove anos, vem calado seguindo as cuidadosas pegadas de Tito.

Apesar do aumento do volume da água, a travessia foi tranquila. Ao chegar do outro lado, Tito procurou a carteira para pagar o trabalho das crianças, notou que o bolso de traz da calça estava vazio. O gesto aflito foi notado pelas duas crianças que, imediatamente, indicaram a Tito o caminho de volta.

Refizeram o caminho, sem pressa e da mesma forma, calados. Próximo ao local onde, inicialmente, as crianças foram encontradas, o menino mais velho se dirige a uma mulher sentada sobre um tronco, que já lhe estendia a mão esquerda com a carteira de cédulas.

A carteira estava intacta na aparência, continha todos os documentos e papéis, mas faltavam-lhes as cédulas de dinheiro.

Sem reclamar, Tito e os meninos retomam a caminhada. Decepcionado pela forma estranha de educar as crianças adotada por aquela provável mãe, mas ao mesmo tempo feliz, por ter sido tão bem auxiliado pelas crianças. Sorrindo, todos acenam com as mãos em despedida.

Tito acorda. Assustado, imediatamente corre até a calça para se certificar de que a carteira se encontra no bolso e conferir o seu conteúdo.



Desenvolvimento

Em caso de ocorrência de enchentes, devemos ser prudentes. Sempre há riscos de acidentes e o correto é solicitar ajuda.

Você concorda com o título deste conto? Por quê?

Descreva as ocorrências agradáveis e desagradáveis deste sonho.

Você já foi auxiliado por alguém em uma situação difícil?

Conte-nos como foi essa história!

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.





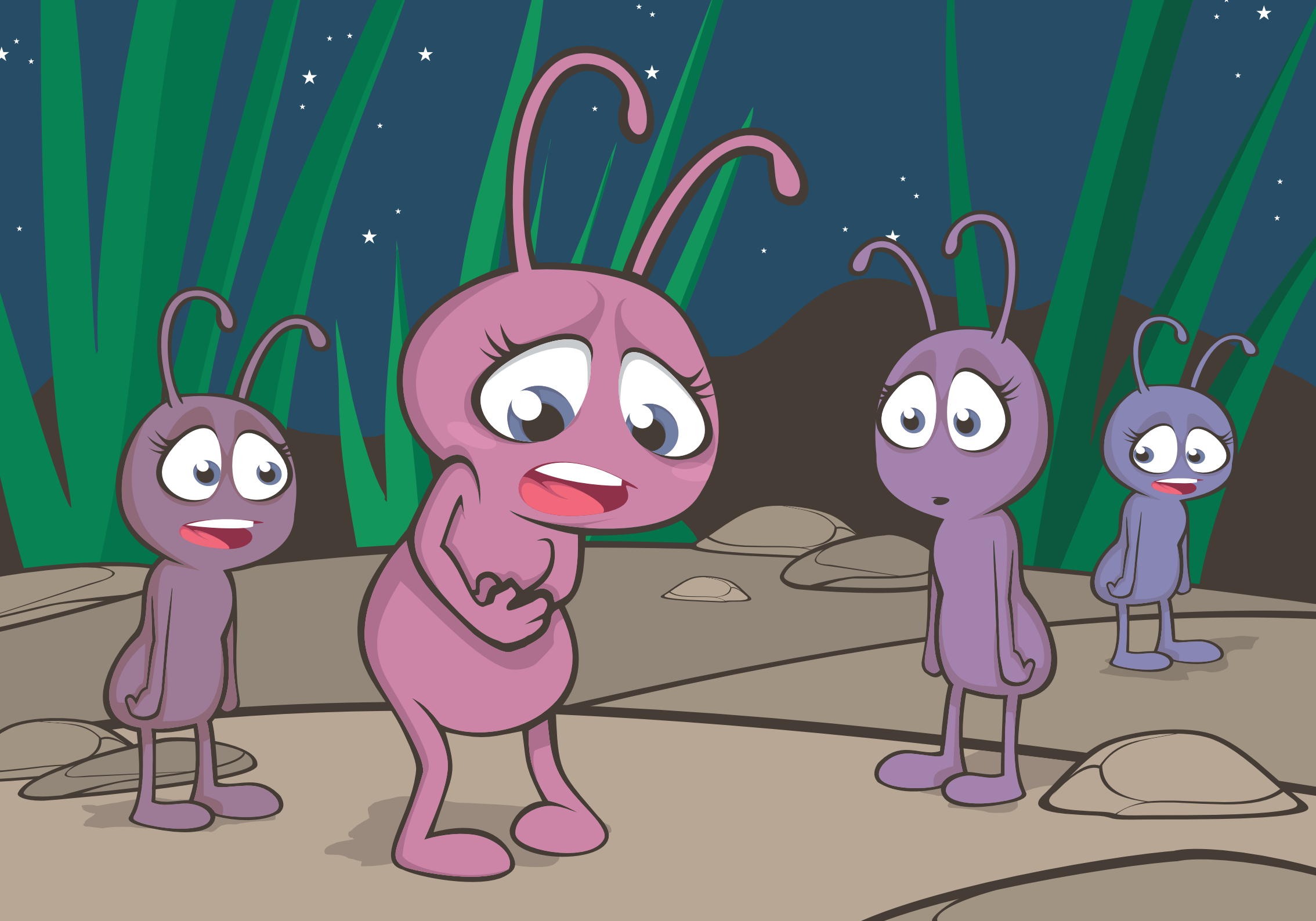
A formiga Farela

Há muito e muito tempo, nasceu em um Palácio subterrâneo uma formiguinha muito assanhada e risonha. Logo se tornou o chamego de todos os habitantes do formigueiro. A formiga Rainha não sabia onde colocar tanta felicidade.

A primeira dificuldade foi encontrar um nome para a pequena, pois todos os membros da sociedade das formigas queriam colocar um nome.

A Rainha pediu a outra formiguinha que colocasse o nome. Então ela disse que o nome mais bonito era Farela. A Rainha gostou e assim ficou batizada de Farela, para o contentamento de todos.

Depois de crescadinha, Farela saía com suas amiguinhas para procurar comida e passear. Sempre andavam pela floresta e comiam frutas, folhas e raízes muito gostosas. Ao fim de cada refeição, pegavam um pouco mais de alimento e levavam para o



Palácio, onde era guardado para ser comido em tempos de chuva, quando não podiam sair.

Certo dia, Farela saiu sozinha para procurar comida e achou uma casa abandonada. Entrou e começou a bisbilhotar tudo até encontrar um açucareiro. A surpresa foi grande e a felicidade também.

O açúcar ali guardado era delicioso e tinha em grande quantidade.

Neste dia, Farela comeu muito e ainda levou uma porção para o Palácio. Ao tempo que colocou no depósito passou a comer, não restando nada para ser guardado.

Assim, essa prática foi se repetindo por vários dias. Farela não saía mais com as amiguinhas, preferia ir sozinha ao açucareiro comer o açúcar.

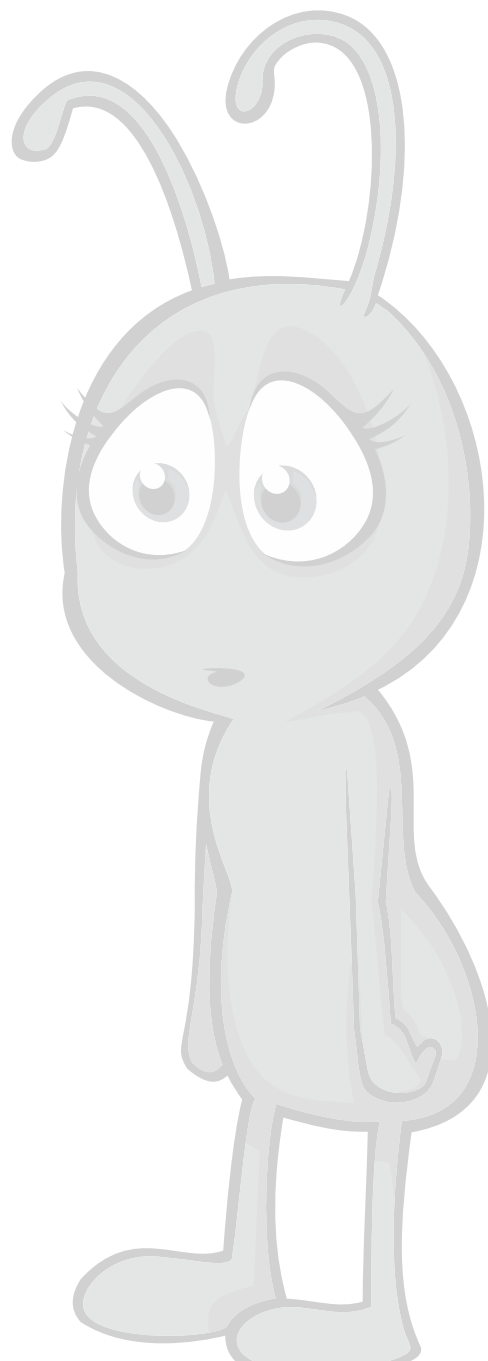
Com o passar dos dias, as outras formigas observaram que Farela não guardava

nenhuma comida e começou a engordar. As outras formigas a seguiram e descobriram todo o segredo.

Certa noite, enquanto dormiam, Farela passou a gritar com dor de barriga e dor na boca. Todos correram para ajudá-la. Levaram-na para ser examinada no Posto de Saúde do Formigueiro. Após examiná-la, o Formigão Médico logo descobriu o desastre alimentar da pobre e bela formiguinha. Ela vinha se alimentando apenas com açúcar. A alimentação inadequada era responsável pelo acúmulo de gordura no corpo, pela pele ressecada e ainda estava estragando os seus pequenos dentes.

O médico passou a ela remédios e orientação de alimentação.

Farela seguiu as orientações e nunca mais teve dor de dentes e na barriga, além de ficar com o corpo e a pele bonitos como antes.



Desenvolvimento

Os alimentos são indispensáveis para o nosso crescimento e manutenção da nossa saúde. Por isso eles devem ser sempre variados.

Você acha que Farela foi egoísta? Por quê?

Comer muitos doces não é bom para a nossa saúde!

Conte-nos como é a sua própria alimentação!

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



A luta pela Comida

Um urubu faminto viu um sapo desprevenido, sobre uma pedra, na borda de uma lagoa. Desceu, pousou nas costas do sapo e o matou com o seu bico afiado. E, tranquilamente, começou a comê-lo.

Sem ser convidado, apareceu outro urubu para participar do banquete. O dono da caça não aceitou a divisão. Pegou o sapo pelo bico e saiu voando. O segundo urubu saiu rápido em perseguição ao primeiro.

Outros urubus que voavam por ali também partiram para a perseguição. Alguns tentavam, em pleno voo, arrancar o sapo do bico do primeiro urubu, o que já se tornara uma batalha aérea acirrada. Neste toma e não toma o sapo caiu do bico do primeiro urubu em direção à lagoa.



Um gavião que assistia à peleja viu o momento em que o sapo foi liberado pelo urubu e imprimiu um voo de mergulho em alta velocidade, seguindo a queda do sapo rumo ao meio da lagoa.

Um peixe que, naquele momento, olhou para cima viu o sapo em queda livre em sua direção e se preparou, abrindo a boca, para abocanhar o petisco que caía do céu.

Na linha d'água, o sapo foi abocanhado pelo peixe e também, no mesmo instante, foi agarrado pela forte garra do gavião. O peixe, que pegara a parte traseira do sapo, foi transfixado na guelra por um dos ossos da perna

que o prendeu como se fosse um anzol, fisgando-o. O peixe, batendo-se, foi arrastado céu acima pelo forte gavião que segue em voo tranquilo para o ninho em cima de uma pedreira.

No ninho, o gavião dividiu o sapo com os filhotes famintos até saciá-los. O peixe, por ser coberto por uma carapaça de escamas, já sem serventia naquele momento, foi jogado fora do ninho e caiu na ribanceira.

Os urubus que assistiram a toda movimentação voaram em direção ao peixe que caía e novamente iniciaram uma nova batalha para, grosso modo, tentar dividir o peixe.

Desenvolvimento

Alguns animais não dividem a comida com os outros, a não ser que chegue outro animal mais forte, da mesma espécie ou não. O mais forte come primeiro e só depois de saciado deixa o resto para os outros.

Você já viu alguma disputa por comida?

Conte-nos um caso sobre esse assunto!



[illegible]





Com o Perigo lado a lado

Fininho era um bezerrinho branquinho e orelhudo. Era alegre, esperto e brincalhão. Mamava muito na sua mãe, a vaca Coração. Gastava muita energia com brincadeiras, saltitando e correndo pelo pasto, sempre sob o olhar atento da orgulhosa mãe.

Coração que também sempre foi inquieta, naquele dia, resolveu passear na mata. Local perigoso! Fato que todos sabiam. Somente vaqueiro muito treinado, ou animal desprovido de juízo ou medo, aventurava passear por lá. A mata começava logo depois do pasto onde as vacas e os bezerros pastavam durante o dia. À noite este local ficava completamente deserto. A mata era local de morada de muitos animais ferozes, dentre eles uma onça suçuarana apelidada de Barriga Oca, porque comia muito e ainda tinha fome; e uma cobra grande que morava no rio Alice, que cortava o meio da mata e era chamada de Anaconda. Ambas com fama de comer bezerros in-



teiros. Coração sabia dessas histórias, mas não tinha medo, já havia brigado com uma suçuarana e levou a melhor, tinha chifres afiados, fama e coragem.

Foram e entraram na mata: Coração na frente e Fininho logo atrás. Enquanto andavam pelo meio da mata, apareceu pelo lado esquerdo a suçuarana Barriga Oca, lambendo os beiços e de olhos grudados em Fininho. Do outro lado, mais à frente, Anaconda acabara de acordar, estava morrendo de fome. Coloca sua enorme língua para fora da boca e sente o “cheiro de comida” que se aproxima. Preparou o bote. Ficou à espreita, esperando o bezerrinho passar para agarrá-lo.

Mata fechada e escura. Barriga Oca por um lado ia andando silenciosamente e Anaconda do outro, mais na frente, estava só aguardando o momento apropriado para o bote certo. Elas não sabiam que desejavam a mesma presa. O vento era forte, fazia grande barulho na mata e tinha o mesmo

sentido do caminhar de Fininho e sua mãe, o que dificultou a percepção das feras, uma em relação à outra.

Fininho, como sempre, muito brincalhão ficou um pouco mais para trás, não sabendo que o perigo estava logo ali ao seu lado. Coincidentemente, Barriga Oca e Anaconda resolveram pular para agarrar Fininho, no mesmo instante. Foi também neste exato momento que o estripulento Fininho dá uma cabriola e escapa por um triz. O barulho provocado pelo choque entre as duas feras que de bocas abertas se morderam mutuamente, ainda no ar, causou um grande estardalhaço.

Com grande espanto e medo, Coração e Fininho partiram em disparada, ela mugindo chamando Fininho e ele aos berros chamava pela mãe.

Até hoje, ninguém sabe quem levou a melhor nesta dura batalha, se a Anaconda ou a Barriga Oca.

Desenvolvimento

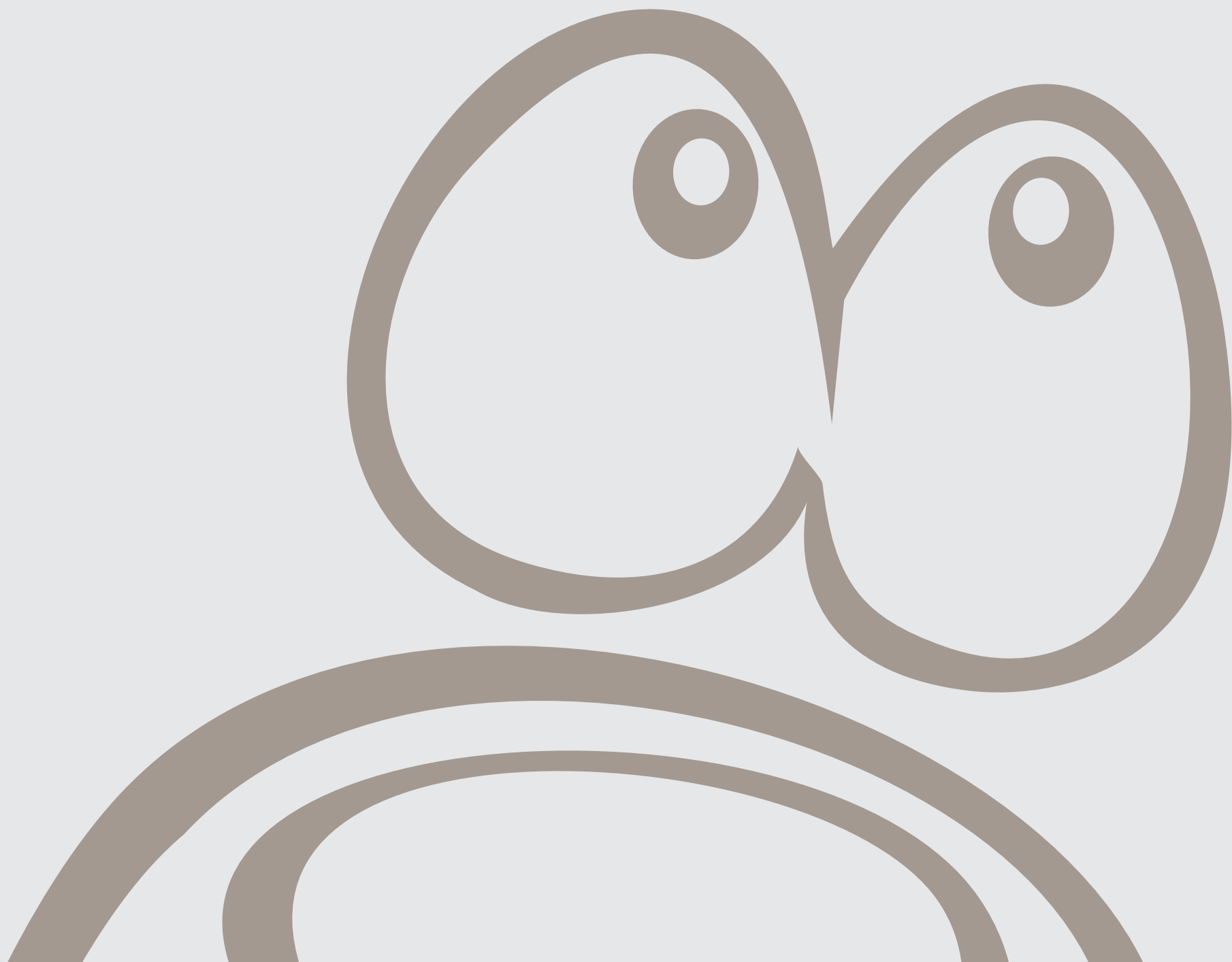
Quem você acha que ganhou a batalha:
Barriga Oca ou a Anaconda?

Você já passeou por uma mata ou floresta?

Conte-nos um caso que aconteceu com
você enquanto passeava!



This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

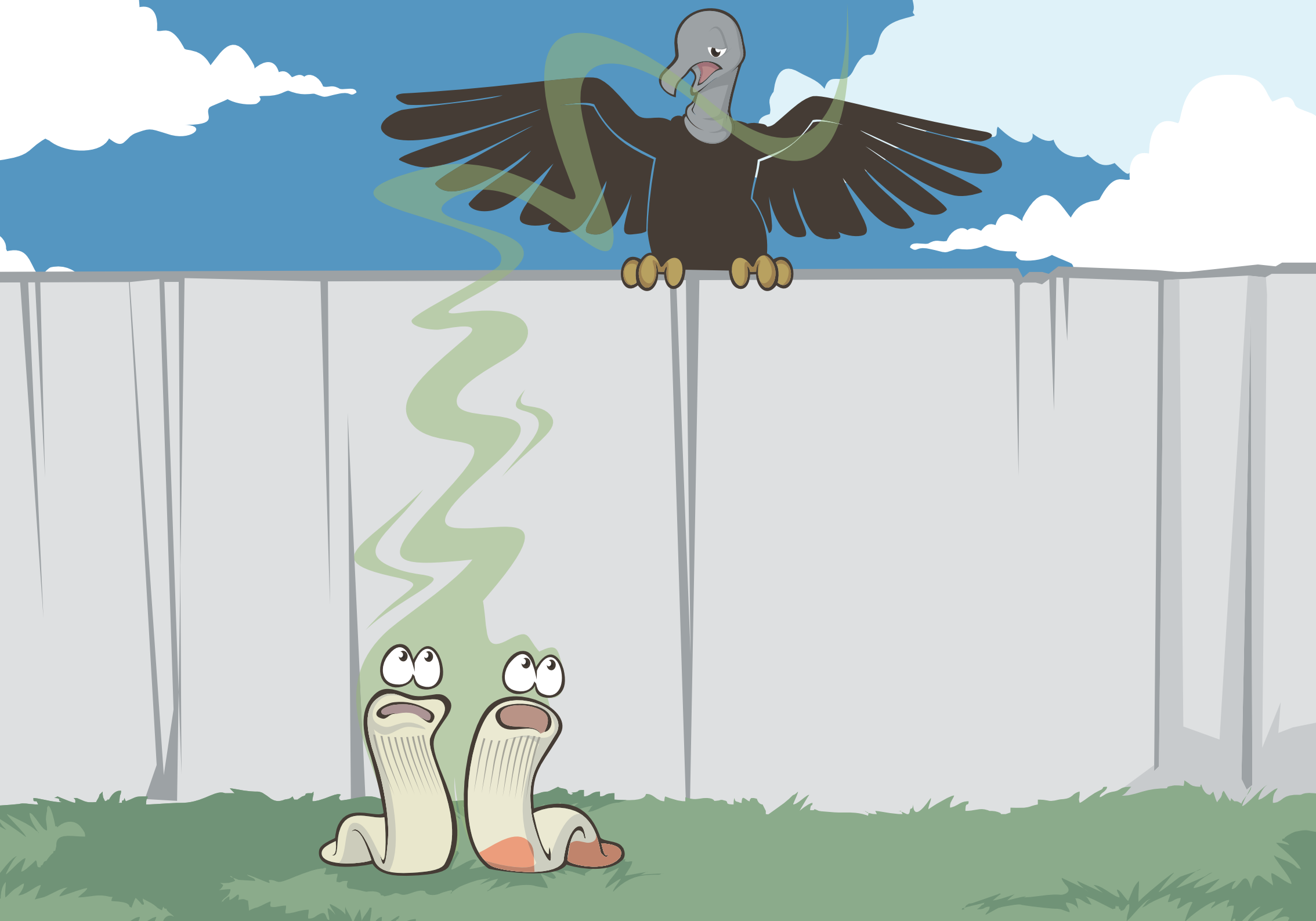


chulé

Um par de Meias morava em um par de tênis. Elas pertenciam a um menino muito desmazelado. Não gostava de tomar banho, andava sujo, cuspia e jogava lixo no chão.

Todos os dias, logo pela manhã, o menino metia os pés pelas bocas das Meias e ficavam lá dentro durante todo o dia. Ia para a escola, brincava, pulava, corria, jogava bola e as pobres Meias só se libertavam à noite, quando o menino ia dormir. Ele se sentava na cama, retirava as Meias, as embolava e empurrava para dentro do tênis. As Meias passavam a noite inteira sem poder respirar um pouco de ar fresco.

Passavam-se os dias e a rotina era a mesma, o cheiro que exalava do tênis já se tornara insuportável. O menino sentia um cheirinho que já havia acostumado e até gostava. As Meias viviam com enjoo daquele cheiro e o pior é que se sentiam cada dia mais duras, enrijecidas mesmo.



A busca pela liberdade passou a fazer parte do cotidiano deste par de Meias. Às vezes, enquanto o menino andava, elas trocavam ideias sobre a forma de escapar daquele suplício. A oportunidade surgiu quando, certo dia, por descuido, o menino deixou o tênis sobre a janela e foi dormir.

Durante a noite, sentindo o cheirinho da fresca madrugada, uma das Meias começou a fazer alongamento e conseguiu sair do tênis. Pensou na oportunidade da fuga e, falando baixinho, chamou a outra que também começava a se estirar, sentindo o friozinho agradável da noite.

Apressando a saída, planejaram a fuga. Sentiam-se tontas, mas acharam por bem aproveitar o momento e fugir. Saltaram da janela para o grande quintal da casa e saíram caminhando, a passos largos, até o final do muro.

O dia já começava a clarear quando, cansadas, pararam um pouco para tomar fôlego. Ao olhar para cima, a primeira Meia viu um urubu.

— Olhe discretamente para cima e veja quem está nos olhando! — disse baixinho a primeira Meia.

— Ih! Um urubu! Ele vai nos comer! — gritou a segunda Meia.

— Eu, não. Esse cheiro azedo não me agrada, além do mais, vocês não têm carne. Se ao menos fosse o pé do menino ainda dava umas bicadas. — disse o urubu sem interesse.

— Que situação a nossa, nem mesmo urubu quer esse chulé! — concluiu a primeira Meia.



Desenvolvimento

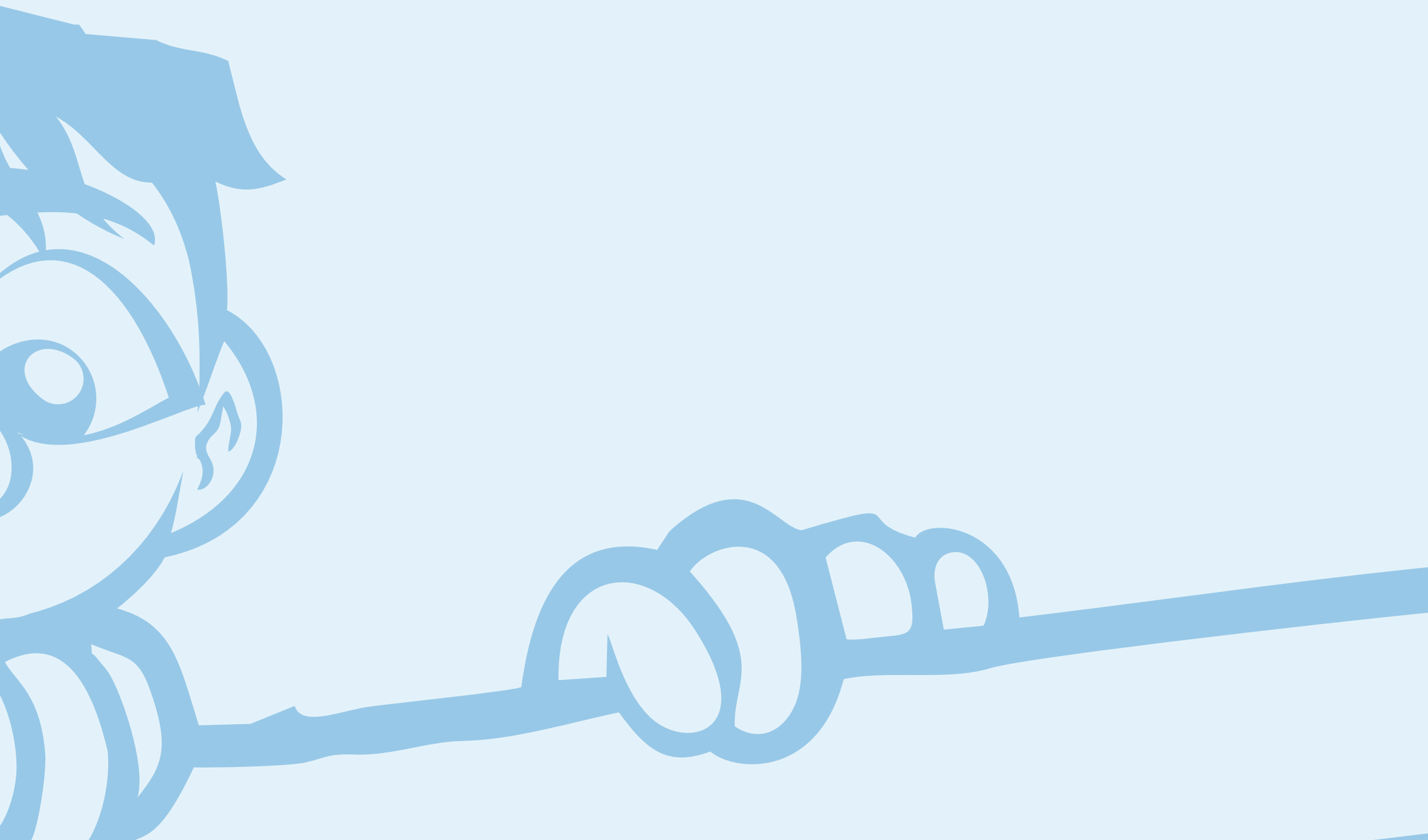
O que você acha do comportamento deste menino?

Por que o urubu não quis comer as meias?

Você gosta de tomar banho e andar sempre limpo ou não se importa com isso?

Conte-nos sobre o banho mais gostoso que você teve!

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



Chuva

A água da chuva,
Pinga, pinga nas telhas.
Pinga, pinga e corre pra bica.
Na bica, correm as águas da chuva.
Da bica, correm as águas que pingam,
Batendo nas águas do chão e respingam,
Molhando todo o já molhado ao seu redor.
São as mesmas águas remodelando nova chuva.



Desenvolvimento

Você gosta da chuva?

Alguma vez você já brincou na chuva?

Seu pai ou sua mãe reclamou porque você estava na chuva?

Brincar na chuva é muito gostoso! Os pais reclamam por pura inveja!

Fale-nos sobre o seu banho de chuva!

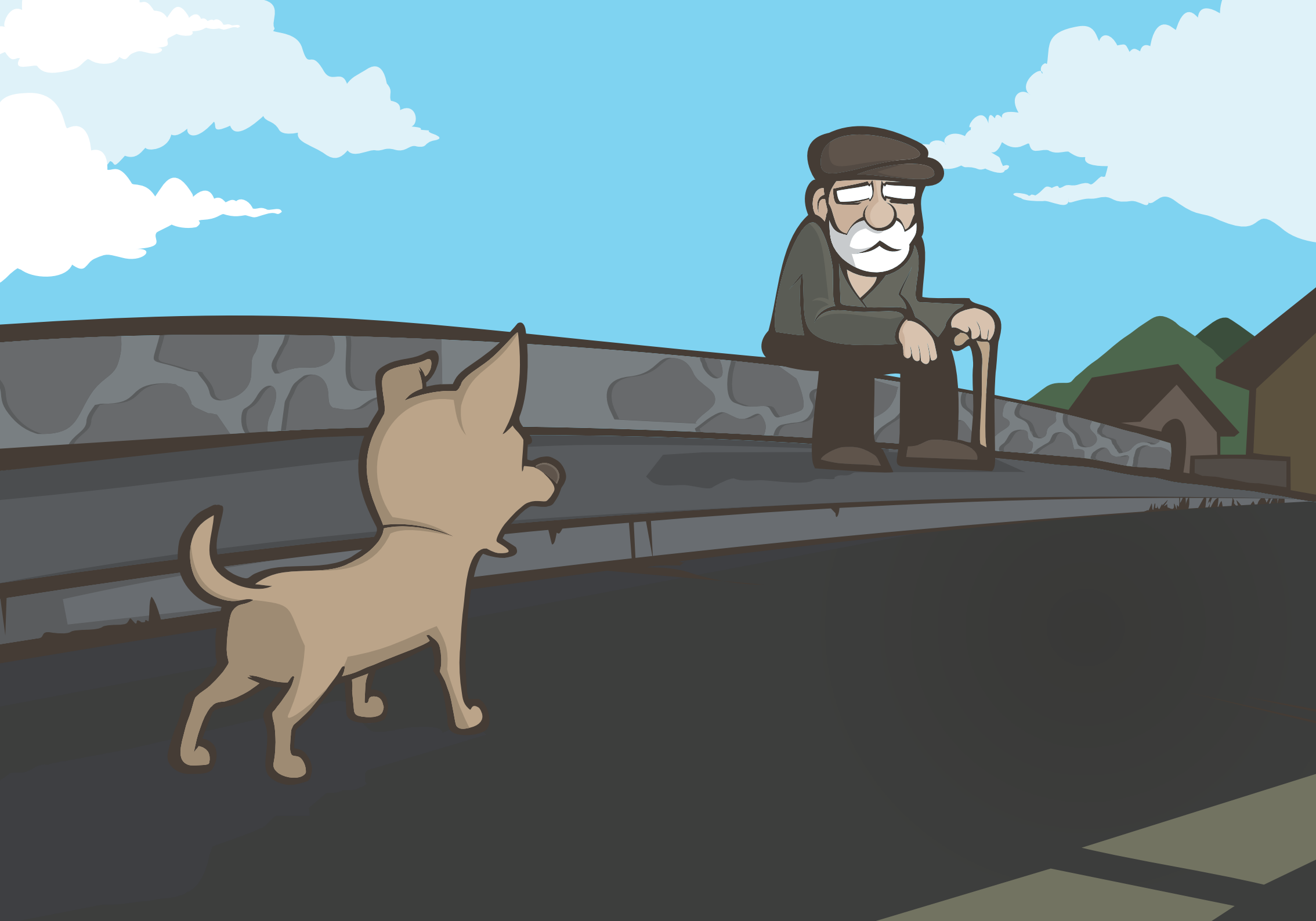
[illegible]



O idoso Antônio, nos finais de tarde, se dirigia para a rua costeira que fica próxima à sua casa e se sentava na balaustrada à beira-mar. Por lá ficava algumas horas, se refrescando com a brisa marinha e observando o pouco movimento. Lugar tranquilo, muito bom para pensar e descansar.

Certo dia, quando se dirigia para seu habitual ponto de descanso, aparece uma pequena cadela e começa a latir insistentemente em sua direção. Não teve o ímpeto da agressão, mas o insistente latir a distância de aproximadamente cinco metros o incomodava bastante.

Pacientemente, Antônio olha ao seu redor e vê uma pequena pedra de brita, com peso aproximado de uma bolinha de gude. Disfarçadamente pega a pedrinha com a mão esquerda. O latido continua. A pedrinha é transferida para a mão direita. A mão desce com a extensão do braço que fica paralelo ao tronco. O latido continua.



Antônio mira o alvo e vup! A pedrinha faz o trajeto em arco na direção da cadelinha e pimba! Bem no focinho. Para o latido e começa a correria e o grito com dor.

No dia seguinte, a mesma cena do anterior. Desta vez a cadelinha toma uma distância maior, uns dez metros. O latido tinha o mesmo tom que do dia anterior. Antônio também mudou e veio com outra tática. Trouxe consigo um pequeno pedaço de carne fresca, dentro de um saco plástico.

O latido continua. Antônio abre o saco plástico e retira a carne. O latido modifica, aumentando o intervalo entre um e outro. A atenção da cadelinha aumenta e começa a dar uns passos à frente. Já late de forma diferente e se aproxima alguns metros. Antônio atira a carne que foi prontamente abocanhada e engolida. A cauda começa um discreto

movimento, de lateralidade, comunicando que aquilo não foi bem assim e vamos esquecer o que já passou.

Nada como um dia após o outro. No outro dia, como de costume, Antônio vem lentamente. O latido, em outro tom, tem início a uma distância menor. O comportamento da cadelinha já é de amizade. A cauda já assume maior movimentação. Antônio se senta e fica observando. Os latidos são menos insistentes e com maior aproximação.

Antônio joga um pedacinho de carne mais próximo aos seus pés. A cadelinha vem comer e fica. Antônio passa-lhe a mão pela cabeça e a cadela lhe lambe a mão.

Antônio se levanta e como velho amigo chama: "*Vamos, Laika!*" Saem passeando lentamente por ali!

Desenvolvimento

Este nome Laika é famoso. Você já ouviu falar na cadelinha Laika?

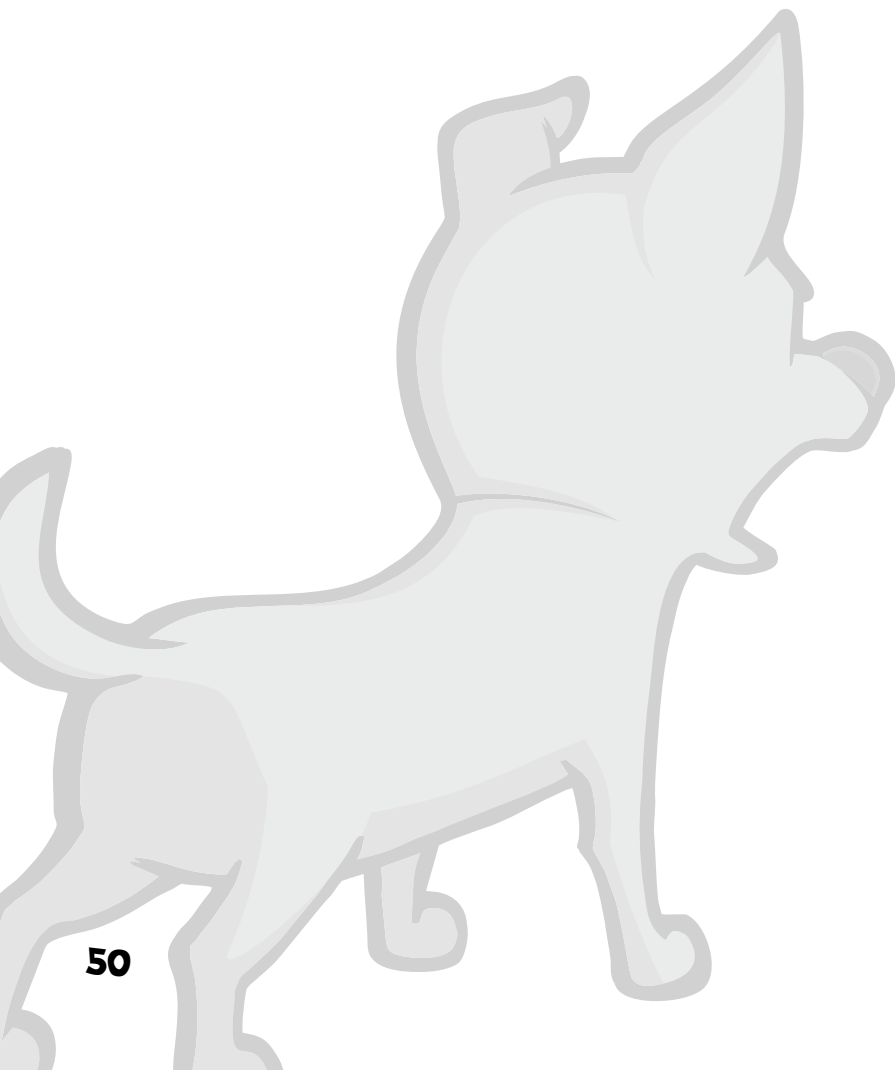
Se você ainda não conhece a história da cadelinha '*astronauta*' Laika?

Procure se informar com seus pais ou na sua escola.

O que você achou desta amizade entre Antônio e Laika?

Você já fez alguma amizade em situação parecida?

Conte-nos a sua história!



This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



O JABUTI

A mãe e sua filha de três anos, do cabelo loiro e encaracolado, foram à feira fazer compras. A pequena usava um vestidinho cor de rosa e levava a bolsinha de carregar o batom.

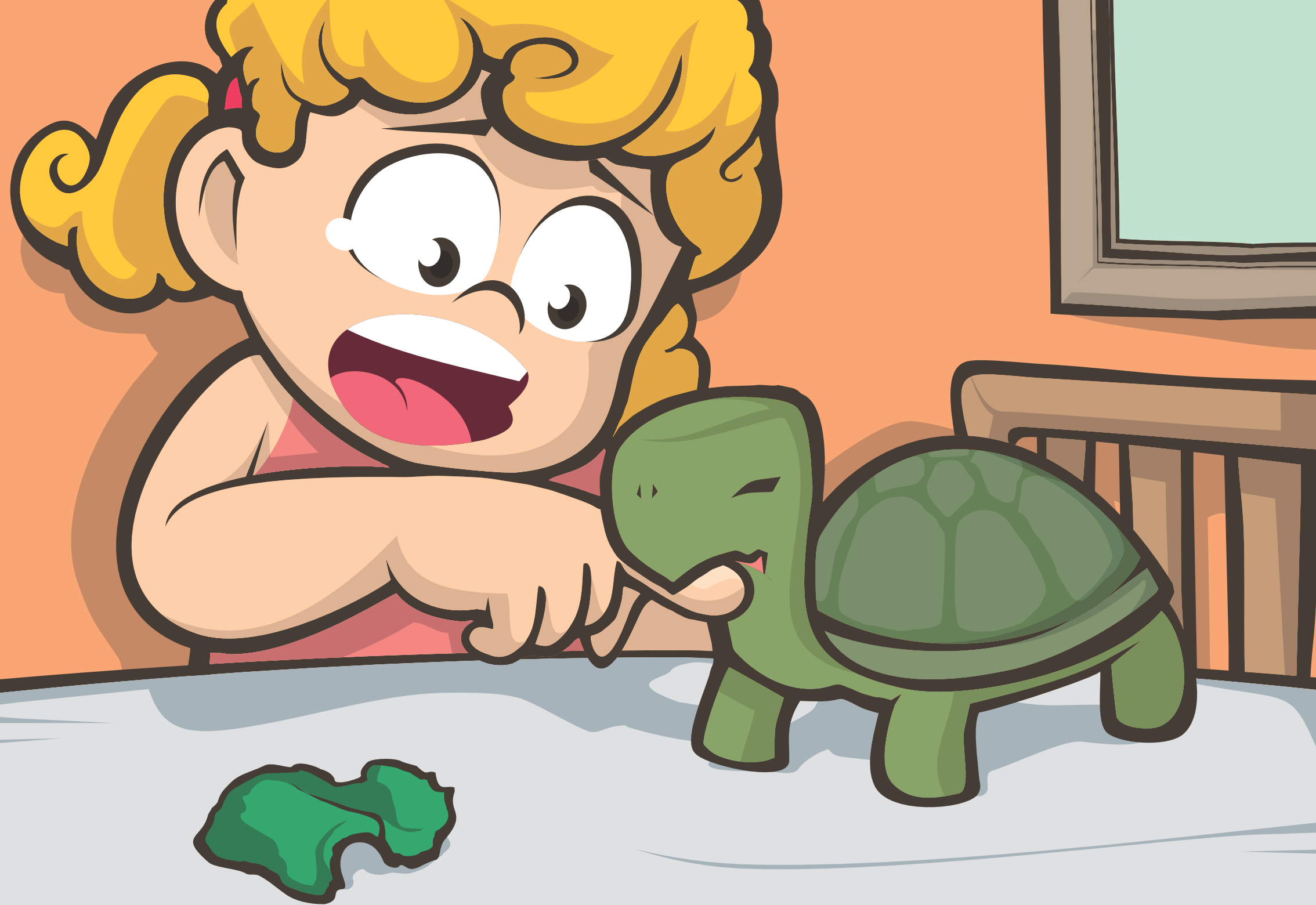
A feira era muito grande e a mãe tinha que comprar várias coisas, enquanto caminhavam por entre as diversas barracas: entra aqui, sai ali, sobe ali, desce aqui, vai lá, vai acolá e retorna cá, até que a menina enxerga um pequeno Jabuti em uma das barracas.

Aí começou o padecimento da mãe.

– Oh! Mãe, é tão bonitinho, compra mãe!

– Não

– Mãe, compra. Ele é tão bonitinho, eu vou cuidar dele. Compra, mãe. Eu gosto tanto dele mãe, compra mãe! – Enquanto puxava a saia várias vezes e batia os pés. Compra, mãe.



Sem aguentar mais:

– EU COMPRO!

Comprou.

– Vamos pra casa! Arrastando a filha pela mão.

– Oba, eu vou dar comida a ele!

Já iam lá adiante e a mãe resolve retornar e perguntar ao vendedor:

– O que é que o Jabuti come?

– Alface e todos os tipos de verduras, responde alegre o vendedor.

A mãe comprou dois pés de alface.

Em casa, a menina começou a cuidar do Jabuti, dando-lhe as folhas de alface para comer.

– Coma. Coma. Coma, que você está muito magrinho.

E tome-lhe folhas de alface.

O Jabuti comia lentamente e a menina queria empurrar-lhe mais folhas.

– Coma, senão vai apanhar e ficar de castigo!

A paciência da menina foi se esgotando com a lerdeza do Jabuti para comer e passou a enfiar-lhe as folhas forçando a boca.

O Jabuti agora é quem perde a paciência e morde o dedo indicador da menina.

O pranto foi ouvido por toda a vizinhança – Uai! Uai! Uai! – e a menina não quis mais saber do Jabuti.

– Ele me mordeu! Ele é feio! Ele é malvado!

Motivo encontrado pela mãe que, alegremente, voltou à feira e devolveu o bichinho ao dono original.



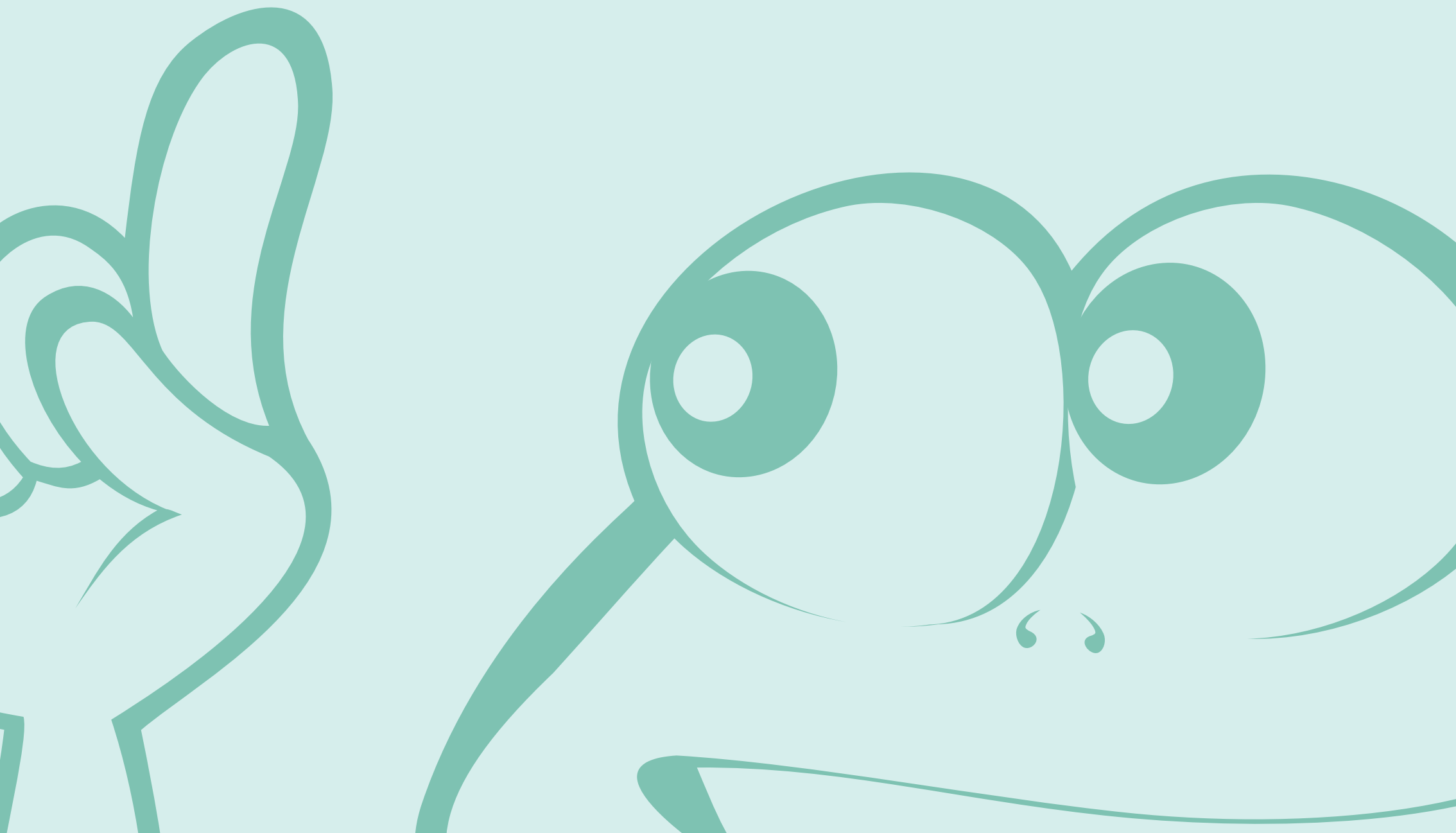
Desenvolvimento

Você insiste muito para que a sua mãe compre alguma coisa que você gosta?

Você já deixou de gostar de alguma coisa que tenha comprado depois de insistir muito?

Conte-nos esse caso que aconteceu com você!

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



O Urubu e o Sapo

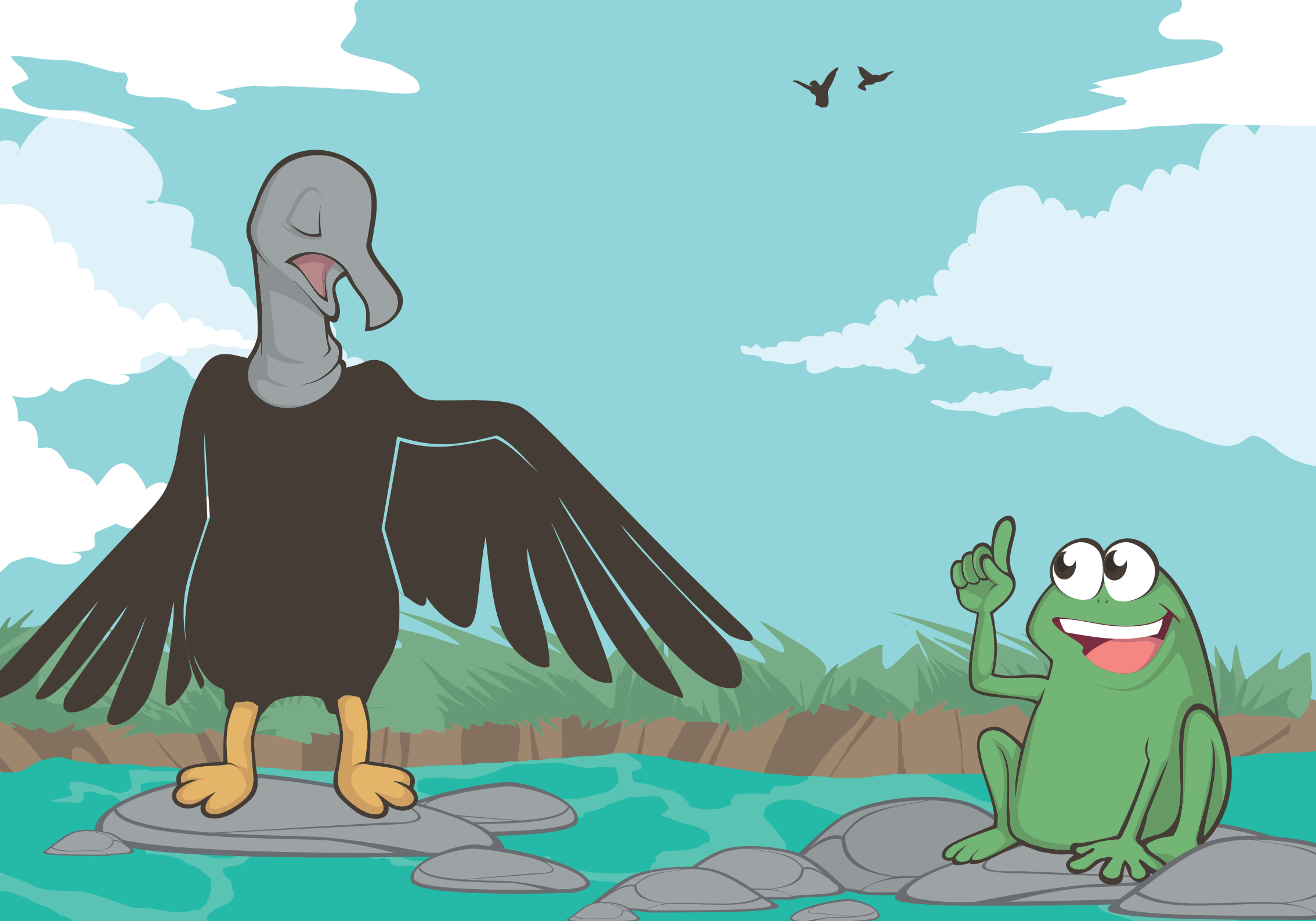
Um Urubu que planava no céu sentia fome e sede. Viu uma lagoa e resolveu descer para beber água fresca e arriscar pegar algum bicho pequeno para comer.

Ao pousar sobre uma pedra na borda da lagoa, fica alegre ao ver um Sapo linguarudo pegando mosquitos.

— Êta vida boa a sua, heim amigo Sapo!? Sem nenhum trabalho, quietinho junto da lagoa, só vai enchendo a pança com os mosquitos e besouros!

— Diz o Urubu, puxando conversa.

— Qual nada, amigo Urubu, para chegar a encher a pança demora muito, os bichinhos são muito pequenos e chega a cansar a língua de tanto trabalhar. Mas vida boa mesmo é a do amigo que vive brincando no céu, surfando nas ondas do vento e admirando a linda paisagem, sem esforço, deixando o vento levar. Responde ingenuamente o Sapo.



— É um grande engano, amigo Sapo. Lá no céu não tem comida nem água. Tenho que procurar alimento e isso é difícil. Chego a passar vários dias sem achar o que comer e às vezes a fome aperta. Em alguns momentos tenho que apelar e chego a comer sapos, digo, lagartos. — Tenta o Urubu consertar a falta de tato com a língua.

— Mas amigo! Com tanto lixo jogado pelos cantos de ruas e nos lixões, sem falar nos animais mortos por aí. Acho que nunca há de lhe faltar comida. Diz o Sapo desconfiado.

— Mais um engano do amigo Sapo. Pelos cantos de ruas também nunca faltam cachorros ou meninos para nos afugentar. Os cachorros competem com a gente e são mais

fortes, e os meninos jogam pedras. Nos lixões existem os homens catadores de lixo e os cachorros para fazer a competição. Quanto aos animais mortos, na maioria das vezes, os homens interferem... Enterrando-os. Os cachorros também aparecem por lá e só saem quando enchem a barriga.

— E eu vivo aqui sempre a admirar o seu vagar pelos céus! E achando tudo uma só maravilha! Agora sei que para todos tem o seu lado bom da vida, mas também tem as suas dificuldades.

Desconfiado de que o visitante estivesse com fome naquele momento, o Sapo deu um rápido salto para a água e mergulhou fundo, deixando o amigo Urubu a se lastimar.

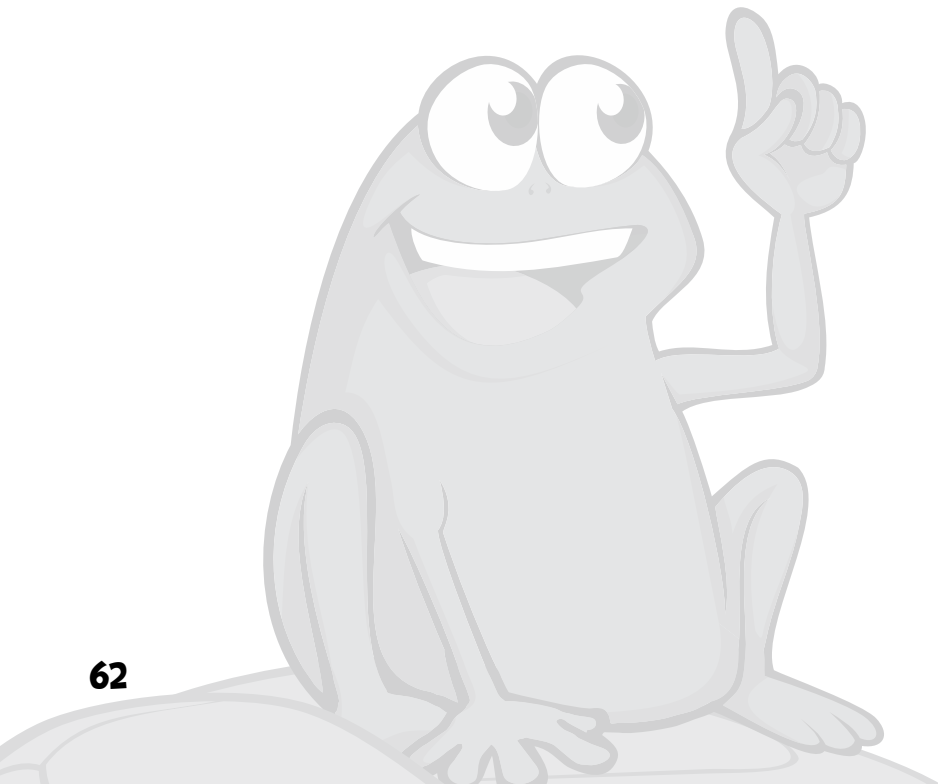
Desenvolvimento

O urubu é uma ave e voa a grandes alturas, tem visão e olfato muito desenvolvidos, é capaz de identificar a comida a uma grande distância. Come principalmente animais mortos, mas pode comer também pequenos animais como sapos e répteis de pequeno porte. Já o sapo é um anfíbio, isto é, vive tanto na água como na terra e se alimenta principalmente de insetos.

Qual a verdadeira intenção do urubu em relação ao sapo?

Você já viu um sapo ou um urubu bem de perto?

Conte-nos alguma história em que você tenha participado envolvendo esses importantes animais!



This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



os quatis

Estavam na casa da roça lá no sertão, a mãe e o filho de sete anos. O filho comentou a vontade de chupar umbu. A mãe se lembrou de um umbuzeiro do outro lado do rio e incentivou ao filho para que fosse até lá pegar os frutos.

O menino pegou um embornal e saiu correndo em busca do primoroso fruto. Atravessou um pequeno rio, com água no meio da canela, e se foi. Como o rio fazia uma grande curva, teve de atravessá-lo mais uma vez no mesmo caminho. Acertou em cheio e a alegria foi grande, pois o umbuzeiro estava muito carregado. Tinha frutas tanto no pé como no chão.

Assim que chegou foi logo colocando frutas na boca e enchendo o embornal. Pouco tempo depois, ouviu um psiu e mais outro psiu, vindo de cima do umbuzeiro. Não imaginava que estivesse acompanhado. Olhou para cima e, para sua surpresa, lá estavam dois quatis, também se refestelando com os saborosos frutos.



Como não tinha visto nenhuma pessoa, continuou a chupar mais umbus e colocá-los no embornal. Novamente o psiu. Olhou para cima e um dos quatis disse: *você está chupando os nossos umbus!?*

Admirado com a fala do quati, o menino disse que sim, balançando afirmativamente a cabeça.

Vá embora, você não pode chupar esses umbus porque eles são nossos. Ao que o menino respondeu: esta fazenda é do meu pai e posso chupar e levar o umbu que quiser. Neste momento recebeu uma pancada na cabeça: Toc. O Quati tinha lhe acertado com um umbu verde e doeu muito. *Vocês não podem fazer isso, disse o garoto.* Nova sequência de *toc, toc, toc.*

A cabeça já doía muito com as pancadas e o menino saiu correndo com o embornal e eles desceram do umbuzeiro e continuaram a atacar e gritando: *vá embora e não volte mais.*

O menino correu em direção ao rio, pois sabia que eles não entrariam na água.

Ao chegar a casa, a mãe viu o filho em péssimo estado. Lastimou o ocorrido com os quatis e passou a tratá-lo, untando a cabeça com uma toalha embebida em água morna com sal. Enquanto cuidava das dores, a mãe e o menino chupavam os deliciosos umbus do embornal.

— *Amanhã vou voltar ao umbuzeiro. Vou vestido com o gibão e com o chapéu de couro.* — disse o menino sorrindo para a mãe.



Desenvolvimento

Por que os quatis se aborreceram com o menino?

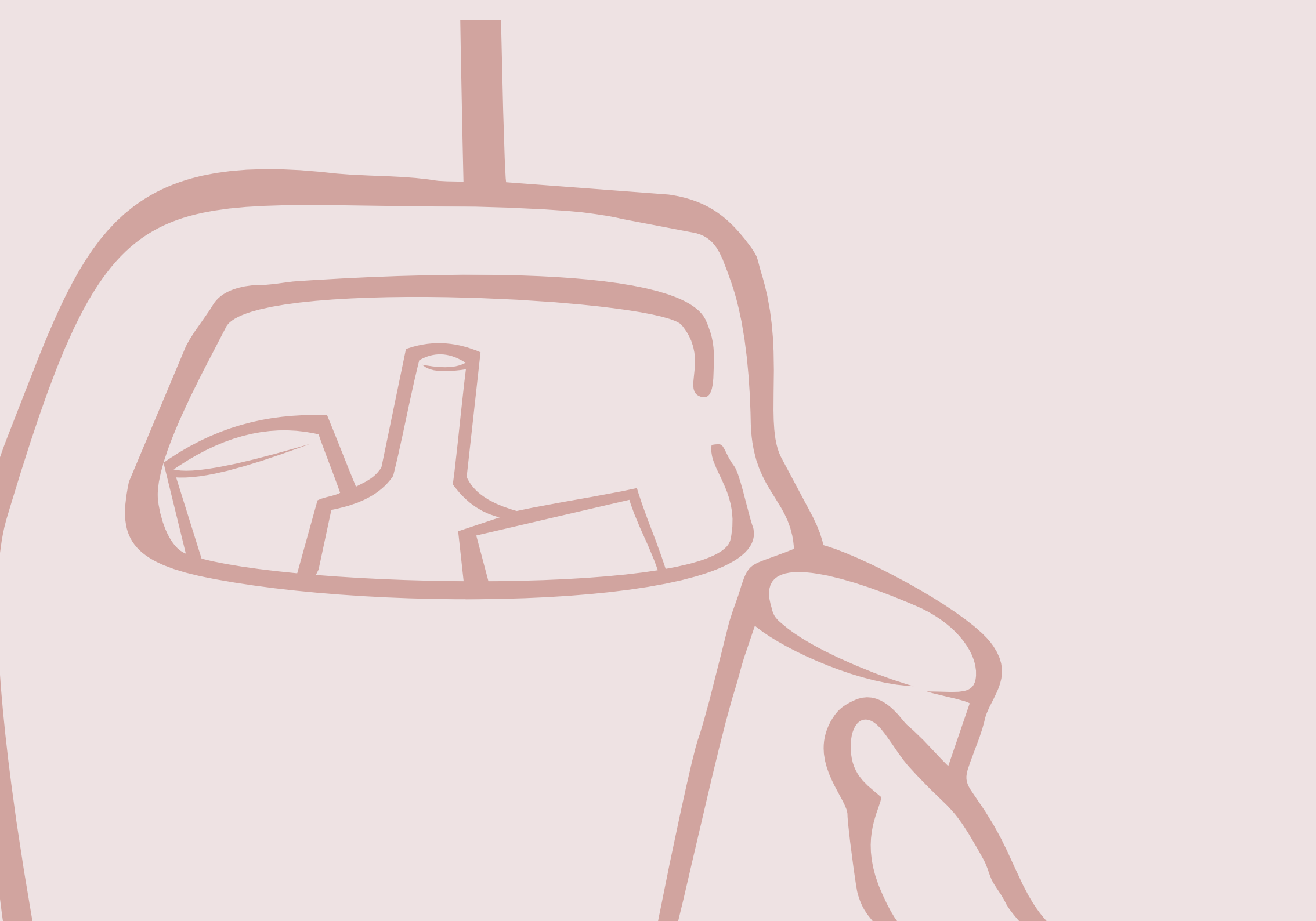
Você acha que os quatis estão corretos quando defendem os frutos (alimentos) da floresta onde vivem?

Você já colheu frutos na própria árvore?

Você já foi à feira comprar frutas?

Conte-nos a sua experiência!

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



Passando no lixo

Certo dia, aos quatro anos de idade, Tinta Tinta e sua mãe saem para passear junto ao rio que passa em frente da sua casa. Caminhavam pelo calçadão quando notaram a presença de garrafas, copos e sacos plásticos espalhados ao longo do passeio.

— Quanta sujeira! Por que está tão sujo assim? —
Pergunta Tinta Tinta à sua mãe.

— É que algumas pessoas ainda não são educadas sobre a importância da higiene do ambiente em que vivemos. Simplesmente usam os copos e garrafas e jogam no chão, emporcalhando as ruas. Infelizmente essas pessoas também não se cuidam adequadamente: não tomam banho, não escovam os dentes e, ainda, cospem no chão. Podemos observar que existem algumas lixeiras, mas mesmo assim, as pessoas ainda jogam o lixo na calçada e na rua.



Tinta Tinta começou a catar os copos e garrafas plásticas espalhadas pela calçada e jogar nas lixeiras mais próximas.

— Não tem uma pessoa para limpar essa sujeira? Pergunta Tinta Tinta.

— Tem. Mas acredito que são poucas e sem dúvida não dão conta de tanto lixo. A prefeitura é responsável pela limpeza pública, mas parece até que “está se lixando” para esse problema e tem deixado a cidade toda suja.

— Ficaria tão bonito se as ruas e calçadas da nossa cidade fossem limpinhas!

Toda criança deve aprender que o lixo se joga na lixeira.

O hábito de cuspir no chão e jogar lixo na rua é muito feio.

Desenvolvimento

Quando não encontramos uma lixeira na rua devemos levar o lixo para jogar na lixeira da nossa casa. Na cidade de Tóquio, no Japão, as ruas não têm lixeiras e estão sempre limpas. As pessoas levam o seu próprio lixo para casa!

A sua cidade tem ruas limpas ou sujas?

Você joga lixo no chão?

Conte-nos um caso em que você viu alguém sujando a rua!



[illegible]

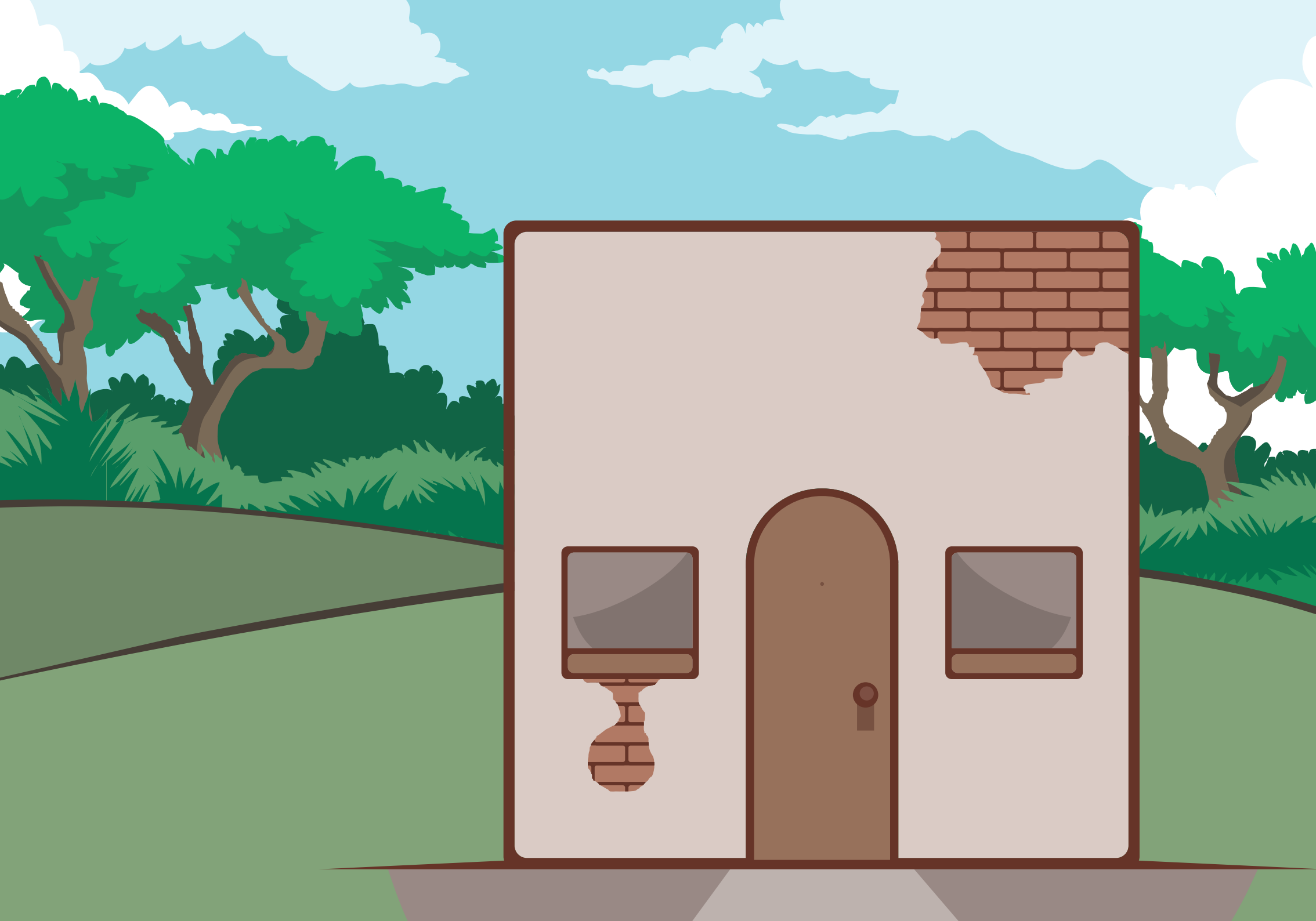
A casinha sem chapéu

Caminhando pela rua principal de Pedras, uma vila de pescadores, onde passava férias com a família, Lara viu uma casinha diferente das outras casas. Parou e ficou olhando. Enquanto olhava comparava com as outras casas. Notou que a casinha era muito simpática, mas estava muito maltratada e sem chapéu. Foi embora, mas continuou pensando na pobre casinha.

No outro dia, Lara voltou a passar pela rua e parou em frente à *Casinha sem Chapéu* e ficou um tempão olhando. Então ouviu a *Casinha sem Chapéu* falar:

— Eu sei que você gosta muito de mim e eu também gosto de você. Acho até que já somos amigas.

— Quem é que mora aí com você?



– Ninguém! Todos que aqui moravam foram embora para a cidade grande e me abandonaram. O tempo vai passando e estou entrando em ruínas. É muito triste.

– Eu vou falar com meu pai e minha mãe para te ajudar.

Dali, Lara saiu correndo e foi falar com os pais sobre a situação da *Casinha sem Chapéu*. Contou a história, mas os pais disseram que não podiam fazer nada, porque não sabiam quem era o dono e não podiam consertar a casa de outra pessoa.

Lara ficou triste, mas não desanimada. Estava sentada na porta de casa pensando em outra solução, quando chegam seus avós. Foi uma festa para todos. Beijos e abraços e comemorações.

No dia seguinte, os avós pegam Lara pela mão e vão caminhar pela vila.

– Vô! Eu quero que você conheça a *Casinha sem Chapéu*. Ela é linda e é minha amiga.

– Então você gosta muito da casinha, hem!

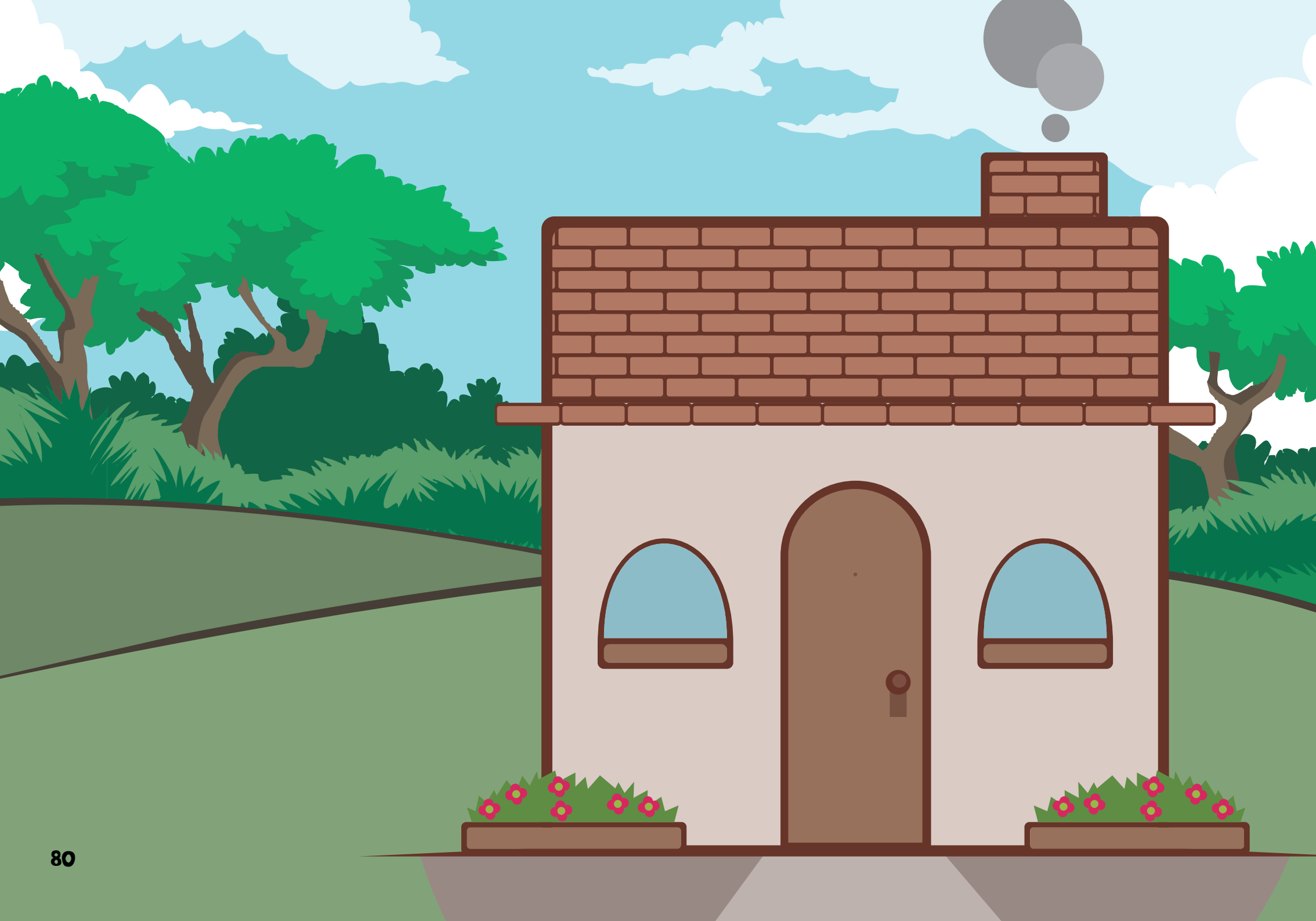
– Gosto muito! E ela gosta de mim também!

Ao chegarem à rua principal, o avô logo identificou a *Casinha sem Chapéu*. Achou-a simpática, apesar da sua situação de ruína.

– Você tem razão, a *Casinha sem Chapéu* é muito simpática e pode ser recuperada.

Continuaram o passeio e falaram de muitas coisas, sobre o rio, os peixes, os pescadores e os barcos. Voltaram para casa.

Mais tarde, os avós saem e discutem uma forma de ajudar e surpreender Lara. Foram procurar pelo dono da casa. Encontraram um homem responsável pelo imóvel e ele foi logo dizendo que estava à venda. O preço era barato e o avô comprou a *Casinha sem Chapéu*. Telefonou para uma arquiteta amiga sua e pediu que viesse com urgência até a vila.



Dois dias depois, chega a arquiteta Virgínia Pereira. Como os outros membros da família nada sabiam sobre as artes dos avós, ficaram admirados com sua presença na vila.

No outro dia, logo cedo, a avó pega Lara e a arquiteta para passear na vila. Saem de mãos dadas e Lara se dirige para a *Casinha sem Chapéu*. Param em frente à casa e ficam olhando.

– Ela não é bonita! O nome dela é *Casinha sem Chapéu*. – Diz Lara, apontando com o dedo.

– Vamos entrar nela para ver como é por dentro? – Convida Virgínia.

– Oba! Vamos! – Entraram.

Na visita à casa demoraram um bocado. Olhavam por fora, por dentro, entraram e saíram várias vezes.

Mais tarde, Virgínia, sozinha, volta à casa e faz as medidas necessárias para o projeto e

você vai virar uma boneca, pensa alto. Contrata os trabalhadores para fazer o tapume em volta da *Casinha sem Chapéu*. Neste mesmo dia à tarde, todos viajam de volta para a cidade onde moram.

Durante toda a noite, a *Casinha sem Chapéu* não dorme só pensando na frase dita pela arquiteta: “*você vai virar uma boneca*” e sente muito agradecida a Lara pela forte amizade.

Nos feriados da Semana Santa, todos viajam de volta para Pedras. Lara, morrendo de saudades da *Casinha sem Chapéu*, está louca para chegar logo.

Durante a viagem, já perto da Vila, o avô diz para Lara que a *Casinha sem Chapéu* não está mais lá. Que ela se prepare para encontrar novidades.

Quase chorando, Lara fica triste. Seu avô lhe diz que o que ela encontrará é uma boa surpresa.

A ansiedade toma conta de todos que não sabem das mudanças. Ao parar o carro na frente da *Casinha sem Chapéu*, todos gritam:

— Oooh!!!

A casinha foi toda reformada. Agora parece uma casa de bonecas, com portas e janelas mais baixas e de tamanhos menores. Tem dois andares e o segundo pavimento em formato de um lindo chapéu feminino.

Lara sentiu a casa toda feliz e alegre. Pegou as chaves da *Casinha de Chapéu* e disse: *agora vai ficar aqui!*

Desenvolvimento

As vilas de pescadores, geralmente, ficam junto da desembocadura de um rio no mar. As pessoas que moram nessas vilas são simples e bem hospitaleiras. A alimentação é quase sempre baseada em frutos do rio e do mar e, além de saborosa, é muito saudável.

Você já visitou alguma vila de pescadores?


Para você que mora em lugares longe do mar deve conhecer outros tipos de vilas.

Conte-nos um caso vivido por você!

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

SOBRE o Autor: *Leônidas Azevedo Filho*

- Leônidas Azevedo Filho nasceu em Igaporã/Bahia.
- Médico Pediatra da Prefeitura de Ilhéus;
- Professor Assistente da UESC, lotado no Colegiado de Medicina do Departamento de Saúde;
- Instrutor de Pediatria no Módulo de saúde da Criança e Adolescente do PIESC (Prática de Integração Escola-Serviço-Comunidade) para alunos do curso de Medicina (3º e 4º ano) em unidades de PSF;
- Professor de Estágio Supervisionado em Saúde da Criança e Adolescente I, no Centro de Saúde (Policlínica Municipal) e na Emergência do Hospital Geral do Estado, para os alunos de Medicina do 5º ano;
- Plantonista do Pronto Atendimento Infantil (PAI) do Hospital de Ilhéus;
- Membro do Corpo Clínico São Lucas, em Ilhéus;
- Membro da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP).



Metáfora da vida moderna, Vou lhe contar um caso utiliza a alegoria do conto para iluminar reflexões sobre ética, amizade, alimentação saudável, higiene pessoal e... sobre os perigos da vida. O mergulho na sua diversidade temática faz dessa coletânea um tesouro a ser descoberto a cada história, com as mais inusitadas personagens. Seja a Casinha à procura do seu chapéu, seja a graça da teimosia de Tito, seja a aventura de Fininho e Coração, todo caso é um convite à boa leitura. E você? Aceita o convite?

Anarleide Menezes
Educadora

ISBN 978-85-7455-363-4



9 788574 553634